

UMA EXPERIÊNCIA DE HISTÓRIA PÚBLICA: FOLCLORE E CIDADANIA NO ENSINO DE HISTÓRIA

Ane Luíse Silva Mecenas Santos ¹
Magno Francisco de Jesus Santos ²
Suyan Dionizio Alves Teles Santos ³

História



ISSN IMPRESSO 1980-1785
ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

RESUMO

Ao adentrar a sala de aula o professor se depara com uma difícil missão: aproximar os conteúdos programáticos da disciplina com a realidade vivenciada pelos alunos. Saberes formais e cotidianos parecem caminhar por sentidos opostos, distanciando-se cada vez mais. Nesta perspectiva, esse artigo tem como propósito apresentar o folclore como instrumento de aproximação do aluno com sua realidade vivenciada, tornando-se um mediador entre o conhecimento formal e o informal e a aplicabilidade por meio do projeto desenvolvido.

PALAVRAS-CHAVE

Folclore. Cidadania. Ensino de História.

ABSTRACT

When entering the classroom the teacher is faced with a difficult mission: bring the syllabus of the discipline with the reality experienced by the students. Formal and everyday knowledge seem to go by opposite directions, distancing itself more and more. In this perspective, this article aims to present folklore as the student instrument approach with its experienced reality, becoming a mediator between the formal and informal knowledge and applicability through the project developed.

KEYWORDS

Folklore. Citizenship. History Teaching.

1 INTRODUÇÃO

O sistema educacional brasileiro entrou no século XXI em crise, pois vive o difícil paradoxo de obter resultados quantitativos e qualitativos. Na era da informação em que as barreiras da comunicação são diluídas a educação ganha um novo respaldo, pois passa a ser um instrumento de socialização, de inserção do alunado no mundo da informação. O tema passa a ganhar maior espaço na mídia, nos discursos políticos, nas propostas de empresários, sem, contudo, promover um debate de maior amplitude com os maiores interessados: a população.

A proposta de democratização no âmbito escolar já vem sendo discutida a um tempo considerável. No entanto, as medidas de efetivação são escassas e com resultados pouco animadores. Isso se deve, em muitos casos, pelo fato da democratização ter sido implantada sorrateiramente as pessoas, tentando adequar-se às propostas que são impostas pelo Estado nas esferas municipais, estaduais e nacional. Democracia sem diálogo é uma invenção da escola brasileira, pois na maioria das vezes, o que é denominado de democracia na escola consiste apenas na apresentação de decisões do corpo administrativo aos alunos, professores e em alguns casos, a comunidade.

Outro problema para atender ao campo educacional é o fascínio pelo novo. A escola brasileira está sempre em busca das novidades, com rejeição compulsória ao antigo. Sabemos que conhecer as novidades é relevante, mas em contrapartida o novo nem sempre é o mais adequado. Usando da metáfora comercial, o País parece viver a liquidação do novo. São novas tecnologias, metodologias, modalidades e conhecimentos, que pouco esclarecem na preparação de uma escola engajada com a transformação da sociedade. Pouco adianta dispor a escola de recursos com elevada tecnologia se os profissionais não estão capacitados para usufruir ou se o projeto político pedagógico da escola não se propõe a mudar a realidade social da comunidade. O novo e o moderno por si mesmo nada transforma.

Geralmente, a implantação das novas tecnologias da informação e comunicação ocorre sob o discurso da inclusão. Esta, aliás, consiste numa palavra usada constantemente pelos setores dominantes da sociedade. É preciso incluir, levar os alunos às escolas, dispor estas de tecnologias, reduzir o número de analfabetos, aumentar o número de portadores de diploma superior.

Da década de 1990 para cá o País sofreu uma verdadeira avalanche de criação de cursos e instituições de nível superior. A universidade que outrora era para poucas, para uma elite, de imediato passou a ser para todos. Com a visão neoliberal, as nossas autoridades descobriram que só existe um caminho na inclusão social: a escola. Assim, a legislação e os investimentos direcionados do Estado passaram a fazer com que a escola se transformasse em um teatro de sombras, no qual se reproduz a exclusão sob o pretexto da inclusão. Em síntese, ocorre a política de diplomar os excluídos.

Uma causa possível para essa situação aterrorizante é a busca por resultados imediatos. Buscamos reverter os longos séculos de exclusão e de negligência com o campo educacional em apenas uma gestão. Sabemos que em educação a busca exasperada por resultados imediatos é um grande risco. Reverter o quadro de exclusão pelo viés educacional incumbe em ter paciência, investir na qualificação continuada dos profissionais e, principalmente, um diálogo permanente com a comunidade na resolução dos problemas que afligem a todos.

Pautados no imediatismo, superlotamos as escolas de criança e jovens, que devem permanecer na sala em troca de um benefício a renda familiar sem nenhuma conexão ou compromisso com a aprendizagem. Para piorar o quadro, o professor ser vê obrigado a aprovar compulsoriamente. Na dicotomia qualidade/quantidade o primeiro é completamente sufocado pelo segundo. Não importa se temos profissionais diplomados incapazes de promoverem um debate, ou simplesmente diplomados incapazes de promoverem um debate, ou simplesmente, de encadear um raciocínio lógico. A importância está nas cifras a serem atingidas, são os números.

Diante desse quadro pouco animador, como fica designado o papel do professor? Acatar as decisões impostas pelas instâncias superiores parece que tem sido a postura mais plausível. Todavia, uma indagação permanece pairando sobre o ensino, que consiste na busca de um meio de converter o ensino reprodutivista em um ensino transformador, propiciador da liberdade intelectual, da autonomia. Um ponto crucial na busca por essa educação transformadora é despertar o interesse do alunado, prender a atenção do público estudantil.

Nesse sentido, neste artigo propomos discutir o folclore como um instrumento de aproximação do aluno com sua realidade vivenciada, ou seja, como o mediador entre o conhecimento formal necessário à formação e ao conhecimento informal,

fortalecedor da identidade, pertinente a esfera social na qual o aluno está inserido. Trata-se de uma proposta de diálogos entre o folclore e a educação, no intuito de engendrar uma nova possibilidade de fortalecer a identidade e, principalmente, de lançar um olhar sobre a realidade vivenciada, o cotidiano do alunado. Bem como apresentar os resultados do projeto Cortejos da Memória, foi pensando em virtude da grande relevância por propiciar uma reflexão acerca dos grupos culturais tradicionais do município de São Domingos.

Trata-se de uma ação que vislumbra propiciar o estudo e registro dos saberes de personalidades anônimas da sociedade em foco, em consonância com as propostas defendidas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional que preconiza o reconhecimento e valorização do patrimônio imaterial. Desse modo, o projeto estará contribuindo para que as novas gerações da sociedade são dominguesa conheçam os aspectos culturais de sua terra, de sua gente, fortalecendo os laços identitários, de pertencimento e, assim, garanta a continuidade de manifestações culturais que correm risco de desaparecer.

A discussão consiste no embate tratado entre alguns dados empíricos obtidos com o projeto desenvolvido no ensino de História na rede estadual de São Domingos e o leque conceitual de Florestan Fernandes. Para enveredar essa discussão, o texto foi dividido em dois momentos: no primeiro, estão apresentados alguns pontos concernentes ao escolar, com a conceitualização e a metodologia de investigação, na perspectiva de Florestan Fernandes. Por fim, no escolar momento têm-se a questão do escolar discutida na escola, como artifício de fortalecimento da identidade, da consolidação da cidadania, de introjeção dos primeiros passos a consciência transformadora e os resultados do projeto.

Nesse sentido, o objeto de estudo deste artigo é o folclore. Todavia deve ser lembrado que o foco não fica restrito ao folclore, pois o fulcro ao debate é a relação entre o folclore e a educação na perspectiva de Florestan Fernandes. Trata-se de uma proposta de inserir o debate acerca das diferentes perspectivas das manifestações folclóricas na escola.

É importante ressaltar a total rejeição de trabalhar o folclore como algo exótico, vinculado a uma cultura pertinente a uma temporalidade exógena, de outrora. A ideia desse debate consiste em apresentar o folclore como uma expressão da cultura, viva e dinâmica, reatualizada constantemente pelos sujeitos sociais. Assim, o olhar do aluno direcionado sobre tais manifestações não enxergará o ultrapassado, a expressão cristalizada do superado, mas sim a expressão viva de seu tempo, de seu cotidiano.

2 O PONTO DE PARTIDA: O FOLCLORE

O folclore passou a ser estudado com maior veemência a partir do século XIX, período no qual foi observado que a modernidade estava sucumbindo às

manifestações populares. A partir desse momento desencadeou-se uma série de estudos acerca de tais manifestações, tanto na Europa como no novo mundo. Múltiplos olhares se debruçaram sobre o universo folclórico, propiciando uma literatura diversificada e, fundamentalmente, heterogenia.

No Brasil diferentes intelectuais tiveram como objeto de estudo o mundo folclórico, resultando estudos originais com interpretações e principalmente no levantamento de dados, no registro das manifestações folclóricas. Este aspecto é imprescindível na investigação sobre tal temática, pois pressupõe num passo fundamental na preservação dos dados para futuras gerações de pesquisadores predisponem de material para atenuar novos estudos. Arrolar informações detalhadas sobre o folclore constitui uma das primeiras etapas da investigação científica a respeito do campo folclórico. Sem o rigor dessa etapa todas as demais ficam comprometidas.

Os primeiros estudos de folclore no país tiveram essa preocupação com o registro. A intelectualidade do final do século XIX e início do XX tinha como principal atribuição registrar as diferentes mudanças do universo folclórico. Tratava-se de pesquisadores-viajantes que observavam o campo e registravam a impressão do seu olhar. É bem verdade que muitos desses registros hoje são alvos de desconfianças de suspeitas quanto ao rigor de registros. Todavia, suspeitos ou não, esses registros constituem numa valiosa fonte de informações sobre a realidade das camadas populares do Brasil naquele período. A relevância desses dados consiste no fato do folclore oferecer:

Um campo ideal de investigação para os cientistas sociais. É que ele permite observar fenômenos que lançam enorme luz sobre o comportamento humano, como a natureza dos valores culturais de uma coletividade, as circunstâncias ou condições em que eles se atualizam, a importância deles na formação do horizonte cultural de seus portadores e na criação ou na motivação de seus centros de interesse, a relação deles e das situações sociais em que emergem com os sentimentos compartilhados coletivamente, a sua significação como índice do tipo de integração do grau de estabilidade e do nível civilizatório do sistema sócio-cultural. (FERNANDES, 1978, p. 13-14).

Como se pode perceber, a riqueza de possibilidades de reflexão propiciada pela documentação folclórica é altamente diversificada. As diferentes facetas da sociedade podem ser reveladas pelas lentes do folclore, tanto as de cunho psicológico, como as meramente sociológicas, pois essas manifestações expressam o homem no coletivo, a interação de uma emerge em meio às manifestações folclóricas, possibilitando ao pesquisador o vislumbramento.

O primeiro grande pesquisador brasileiro a respeito das questões folclóricas foi Sílvio Romero. Para comparar seus estudos críticos, o pesquisador lagartense registrou diferentes manifestações populares do país, que resultaram em obras, tais como: *Contos Populares do Brasil* e *Cantos Populares do Brasil*. Trata-se de uma pesquisa de fôlego, que buscou concatenar as mais diversas expressões do País. De oração de rezadeiras à cantaria do reisado, de festas religiosas aos contos populares. Tudo isso foi registrado por Romero, criando um acervo documental do folclore de sua época de valor inestimável, ainda pouco analisado pelos intelectuais do nosso tempo. A pesquisa de campo do autor em questão foi exaustiva reunindo dados que dificilmente outros pesquisadores do país conseguem reunir.

Seus dados atualmente recebem uma série de críticas, questionando-se a credibilidade e o rigor dos registros. Realmente percebe-se que o rigor em alguns momentos pode gerar desconfiâncias, principalmente quando se trata das fontes das informações, quase sempre ocultadas, ou mesmo no que refere à ausência de especificações do local de registro. São dados importantes que infelizmente o autor não teve interesse em dispor.

Contudo, essa carência de dados sobre a origem de suas anotações não merecem o valor das obras do autor. Romero foi um raro intelectual que buscou descrever o que via, resultando numa documentação imprescindível sobre as tradições populares de sua época. Além disso, deve ser lembrado que além de não ser um antropólogo de formação, Sílvio Romero foi um pesquisador que atuou há mais de cem anos, sendo um homem do seu tempo, com valores próprios e métodos de sua época. Se faltaram especificações das fontes é por que isso era tolerável. Para Florestan Fernandes (1978, p. 177):

O valor de sua contribuição ao estado do folclore brasileiro ainda não foi convenientemente salientado. Até os que se aproximaram mais de um juízo exato ficam muito aquém de uma avaliação equilibrada e aceitável. Não há dúvida de que Sílvio Romero não é o único grande folclorista brasileiro. Mas é o nosso primeiro folclorista representativo.

Salientando o pensamento de Fernandes, a documentação gerada por Sílvio Romero pode gerar pesquisas frutíferas, especialmente para o campo da história, que nos últimos decênios vem aproximando-se da Antropologia com a chamada História cultural.

As obras de Romero poderiam servir como uma fonte fundamental na investigação sobre a história cultural dos regimentos populares do Brasil no fim do século XIX. Além disso, as obras, também, podem ser de fundamental relevância para os professores, no desenvolvimento de estudos comparativos com os alunos Sílvio Romero registrou diferentes manifestações folclóricas de Sergipe. Caso o professor utilize tais

dados para serem debatidos em sala de aula e se predisponha a realizar um novo levantamento, com participação dos alunos, dos folguedos atuais, ele poderá evidenciar inovações substanciais. Seria um meio de mostrar a cultura como algo dinâmico, que se adéqua constantemente às novas conjunturas sociais.

Dessa forma o professor estaria mostrando que, ao contrario do que muitos pensam, o folclore não é a sobra do tempo passado, a sobrevivência do ontem, uma relíquia cristalizada, mas sim o passado reelaborado, adequado ao presente, à realidade vivenciada pela comunidade. Por esse ângulo, o folclore seria uma ponte que une passado e presente, ou seja, o presente dialogando com a tradição.

Passado e presente em um constante diálogo, em processo dialético de influência no qual a tradição se rende à modernidade, reatualizando a expressão cultural e redefinindo os traços identitários. O folclore só consegue sobreviver se for engendrado pelo aspecto da dinamicidade, se conseguir ser reestruturado e adaptado aos novos cenários constituintes do tecido social. Assim, uma possível cristalização das tradições folclóricas como pregam alguns entusiastas do saudosismo, incumbiria na perda de sua vitalidade, no enfraquecimento dos laços identitários comunidade/manifestações. Se a tradição sobrevive nos dias atuais não é simplesmente em decorrência de sua relevância no passado, mas sim porque diz algo sobre o presente.

Observando, por esse ângulo, fica evidente o caráter pedagógico do folclore. Ao contrário do que ocorre constantemente nas escolas, ele não é um instrumento exclusivo dos estudos sobre o passado, mas primordialmente do presente. Trata-se de um enfoque que dialoga com o passado, sem perder a dimensão da atualidade. Com isso, "a situação social dos indivíduos determina as condições gerais de seu modo de vida, permitindo e fazendo-os participar de certa maneira do patrimônio cultural de seu grupo" (FERNANDES, 1978, p. 43)

Devemos lembrar que um dos pontos essenciais do folclore é a oralidade, pois se tratam de conhecimentos que são perpetuados por meio dos ensinamentos de uma geração para outra, pautados substancialmente na oralidade. Isso nos faz entender como ocorrer o processo de reatualização, pois na transmissão desses saberes ocorre, também, a adaptação das tradições ao novo contexto. O homem é dinâmico, vivendo em constante processo de transformação e isso propicia a mudança de valores, crenças e saberes. Neste sentido, ganha importância a conceito de fato folclórico, que pode ser entendido como:

O fato folclórico se caracteriza pela sua espontaneidade e pelo seu poder de motivação sobre os componentes da referida coletividade. A espontaneidade indica que o fato folclórico é um modo de sentir, pensar e agir, que os membros da coletividade exprimem ou identificam como seu, sem que

a isto sejam levados por influência direta ou instituições estabelecidas. O fato folclórico, contudo, pode ressaltar tanto de invenção como de difusão. (FERNANDES, 1978, p. 25).

Como se pode perceber o fato folclórico, na concepção de Florestan Fernandes, está intrinsecamente ligado à questão da identidade. A ideia de pertencimento permeia todo o conceito. Além disso, outro enfoque relevante é que ele inclui o elemento da invenção. O fato folclórico não fica restrito à difusão de saberes, a reprodução de um viés tradicional, mas também abre espaço para as inovações, para a criatividade social.

3 FOLCLORE E EDUCAÇÃO: PARADOXOS DE UM DIÁLOGO NECESSÁRIO

Uma das missões atribuídas ao papel do professor é a transformação da realidade do aluno por meio do ensino. Essa missão indigesta, embora desafiadora, acaba por gerar situações conflitantes e sem direcionamento no campo de ensino. Sabe-se que a educação, isoladamente, não solucionará os sérios problemas sociais gestadas em quinhentos anos de exploração e segregação social. Apesar do prestígio do verbo incluir em nossos meios de comunicação, a sua práxis se torna cada vez mais uma tarefa árdua e difícil.

Um ponto crucial a ser solucionado é a definição do papel da escola. Ela por si mesma não levará a transformação da sociedade. Isso seria algo tributário de um novo "entusiasmo pela educação" ou mesmo de um "otimismo pedagógico". Uma das funções da escola moderna é propiciar a autonomia, engendrar os elementos constitutivos da busca pela construção da autonomia de pensamento, ou seja, a libertação intelectual. Neste sentido,

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo - crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformados, criados, realizados de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. (FREIRE, 1997, p. 46).

Assim, educador poderia ser visto como dedicar-se radicalmente à transformação social, ou menos, se predispor a lançar os germes para tal com a construção da autonomia intelectual. Esse discurso assume uma maior relevância e lucidez quando se trata do ensino público, no qual está inserida a maior parcela de alunos provenientes dos segmentos marginalizados de nossa sociedade. É com essa parcela da população que a

palavra transformação ganha sentido. Educar não somente para reproduzir um conhecimento, mas sim, para tentar constituir uma realidade renovada a partir da reflexão do meio ao qual a comunidade escolar está inserida. Com isso, busca-se “saber do futuro como problema e não como inexorabilidade” (FREIRE, 1997, p. 85).

Propiciar um ensino voltado para a transformação constitui tarefa árdua, que quase sempre resulta em resistência de várias partes. Uma forma de tentar inibir a resistência do alunado é buscar conhecer a realidade na qual ele está inserido, conhecer o cotidiano da população que margeia a escola. É neste sentido que o folclore assume uma postura educacional, tornando-se não só um eficiente instrumento pedagógico, como também, fortalecendo os laços identitários, ao passo que propicia o inusitado fato da escola redescobrir a comunidade a qual está inserida, o folclore possui uma relevante tenacidade socializadora, ensinando a agir como ser social, ao passo que propicia a cooperação, competição e cumprimento das regras sociais.

Para Florestan Fernandes (1978, p. 62), “o folclore possui um valor educativo. Pelo jogo e pela recreação, a criança se prepara para a vida, amadurece para tornar-se um adulto em seu meio social.” Assim a criança passa a introjetar valores como amor, obrigações, lealdade e a diferença entre o bem e o mal.

Por essa perspectiva, o folclore teria como missão engendrar na infância os valores sociais de seu grupo. Seria a criação de um microcosmo infantil tendo como reflexo a sociedade adulta. Com o folclore aprende-se brincando, pois por meio de brincadeiras infantis introjetam-se valores vigentes no grupo social. Essa visão leva-nos a crer que o folclore teria como função, por essa ótica, reproduzir a sociedade. Todavia, Fernandes alerta sobre a missão pedagógica do folclore, na ordem do pedagogo, alertando que para este não importa como e o que a criança aprende, mas o que ela pode fazer com o que aprendeu (FERNANDES, 1978, p. 63).

Deve-se lembrar, também, que pelo próprio caráter do folclore, ele pode ser visto como recurso educativo, extrapolando os limites da brincadeira. O cotidiano das crianças do meio rural e até mesmo a periferia dos núcleos urbanos é fortemente marcado pela presença da altivez folclórica. Como já foi exposto anteriormente, o folclore constitui um elo que une passado e presente, é o diálogo entre a tradição e a modernidade. Aferindo-se a esta característica do folclore ele pode propiciar instigantes resultados no ensino vinculado à busca pela autonomia.

Isso se torna possível graças ao aspecto didático presente em muitas manifestações do folclore. Grupos como cheganças, congadas, cacumbis, taieiras e lambe-sujos podem ser vislumbrados como uma encenação representativa de outrora. Constituem a realização de enredos que se perpetuaram na tradição, por meio da repetição e da oralidade. Por esse viés, o professor pode usar tais apresentações como um eficiente recurso didático, pois a teatralidade dos grupos propiciaria a exposição

de cenas que retratam conflitos, exploração, exclusão, marginalidade ou até mesmo esplendor econômico-social.

O folclore pode, neste caso, servir aos professores como instrumento que auxiliem no reforço dos laços identitários. É uma forma de reafirmar a relevância histórico-social de diferentes grupos sociais, evidenciando suas trajetórias marcadas por lutas, dominação e resistência. Somente conhecendo a trajetória histórica de seu grupo social é que se torna possível ao aluno despertar para a sua realidade, fazendo-o questionar a sua situação de marginalidade, antes vista como natural.

Partindo do pressuposto de que as sociedades são constituídas historicamente e que a dominação e a subsequente exploração se dão socialmente, o folclore pode tornar-se um eficiente instrumento de promoção da autonomia intelectual, pois se for bem usado provocará no aluno o questionamento da sua realidade. Segundo Paulo Freire (1997, p. 85-86):

É o saber da História como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da História, mas sou sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar.

Esse aspecto transformador imbuído no ensino pode se consolidar, utilizando-se da segunda perspectiva didática do folclore. Por se tratar de manifestações representativas do presente, ele pode servir como instrumento de compreensão da sociedade a qual ele está inserido. Trata-se de uma oportunidade de propiciar o olhar do aluno sobre o seu meio social, despertando-o para relações nele existentes e às forças excludentes às quais está submetido. Somente observando e tomando consciência das condições de segregação e exploração social é que se torna possível promover a busca pela transformação. A educação transformadora tem início com um ensino crítico, no qual o passado e o presente são apresentados como vitrines da exclusão, despertando a juventude para construir uma sociedade menos injusta.

Desse modo, pode-se dizer que o folclore e a educação podem propiciar um diálogo pertinente, impulsionando a constituição de um ensino engajado com a mudança, comprometido com a autonomia intelectual. Neste sentido, o folclore extrapolaria o seu sentido de conexão paradoxal presente/passado, tornando-se veículo da construção de um futuro diferente.

No tocante a formação dos bolsistas, o projeto contribuiu de forma eficaz na inserção dos discentes no campo da pesquisa a partir das discussões sobre a metodologia da investigação com grupos culturais pautada no uso de fontes orais e audiovisuais. Outro aspecto relevante é atinente ao processo de construção do conhecimento, em que os bolsistas tiveram a oportunidade de participar dos diversos momentos da pesquisa e ainda produziram textos voltados para a divulgação e valorização dos grupos estudados, participaram de eventos acadêmicos e culturais, como o Encontro Cultural de Laranjeiras, Semana de Pesquisa (Sempesq) da Universidade Tiradentes (UNIT) e Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História (Enpeh).

Os alunos bolsistas iniciaram na pesquisa científica voltada para o reconhecimento da cultura como um dos pilares centrais na constituição identitária. O projeto "Cortejos da Memória" foi desenvolvido por meio da metodologia da história oral. Assim, na primeira fase da pesquisa os alunos participaram de reuniões com os orientadores do projeto, no intuito de discutir a construção do conhecimento histórico por meio das fontes orais e visuais. Nessas reuniões foram debatidas as diferentes etapas da investigação com as camadas populares como a seleção dos grupos, os contatos iniciais, a elaboração dos roteiros de entrevistas, realização de entrevistas e filmagem das apresentações.

No segundo momento da pesquisa ocorreu o levantamento dos grupos folclóricos existentes no município, assim como, a localização de antigos integrantes de grupos extintos. Trata-se do momento da heurística, da procura de protagonistas do folclore local e de realização dos primeiros encontros. A partir desse momento, ocorreram novas reuniões no intuito de elaborar os roteiros de entrevistas e a gravação das mesmas. A terceira fase foi a realização das entrevistas e gravação das apresentações e a discussão sobre os resultados.

A quarta e última fase consistiu na produção de textos e na divulgação dos resultados, por meio da participação de eventos acadêmicos e culturais. Um ponto de grande relevância nos estudos das ciências humanas é o retorno social, ou seja, a difusão dos resultados da pesquisa para a comunidade. Por meio desse projeto, a socialização dos resultados será concretizada em duas perspectivas: primeiramente no âmbito local, por meio da realização de atividades na escola em que os bolsistas apresentarão os resultados do projeto e culminará com a apresentação de alguns grupos folclóricos.

3 CONCLUSÃO

Dessa forma, pretendemos contribuir para o reconhecimento dos grupos folclóricos pela própria comunidade, fortalecendo os laços identitários e promovendo a inclusão social de atores, muitos dos quais se encontram marginalizados e esquecidos. Assim, também, pretendemos abrir espaço para que esses bolsistas possam ir

apresentar os trabalhos na própria comunidade onde existem os grupos, promovendo o retorno social da pesquisa de iniciação científica júnior.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Luiz Antônio. **Um novo entendimento do folclore e outras abordagens culturais**. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1994.

DANTAS, Góis Beatriz. **A taieira de Sergipe** – Pesquisa exaustiva sobre uma dança tradicional do Nordeste. Petrópolis: Vozes, 1972.

FERNANDES, Florestan. **O folclore em questão**. São Paulo: Hucitec, 1978.

FEBRE, Lucien. **Combates pela história**. V.1. Lisboa: Presença, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

RAMOS, Arthur. **Folclore negro no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

Data do recebimento: 20 de Julho de 2014

Data da avaliação: 2 de Janeiro de 2015

Data de aceite: 12 de Janeiro de 2015

1 Professora da Universidade Tiradentes. Doutoranda em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Coorientadora do Projeto "Cortejos da Memória: registro dos grupos folclóricos de São Domingos – CNPq/FAPITEC. Professora da Universidade Tiradentes. Email: anemecenas@gmail.com

2 Doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense, sob a orientação de Martha Campos Abreu. Bolsista CAPES e coordenador do Projeto "Cortejos da Memória: registro dos grupos folclóricos de São Domingos – CNPq/FAPITEC. Email: magnohistoria@gmail.com

3 Aluna do curso de Licenciatura em História da Universidade Tiradentes. E-mail: anemecenas@gmail.com